



A ministra anunciou que a primeira medida a avançar será o apoio único de 438 euros

Candidaturas aos 42 milhões do Garantir Cultura abrem este mês

Luís Miguel Queirós

Graça Fonseca foi ouvida ontem no Parlamento e reúne-se hoje com representantes dos vários sectores da cultura

A ministra da Cultura garantiu ontem no Parlamento, na comissão de Cultura e Comunicação, que o programa Garantir Cultura, dotado nesta primeira fase com uma dotação de 42 milhões de euros, irá dispor de uma plataforma própria que deverá estar operacional ainda este mês, para que as candidaturas possam começar a ser avaliadas em Março. Será um dos temas a discutir na ronda de reuniões que Graça Fonseca terá já hoje com representantes dos diferentes sectores da actividade cultural.

Mas ainda antes de serem distribuídos os primeiros apoios no âmbito do Garantir Cultura, que conta com 30 milhões de euros de fundos comunitários e com 12 milhões de euros provenientes do Fundo de Fomento Cultural (FFC), os trabalhadores do sector irão receber o apoio único de 438 euros, que estará também disponível já no final de Fevereiro, assegurou a ministra.

O compromisso de arrancar com ambos os programas nas próximas semanas foi a principal novidade que Graça Fonseca levou ao Parlamento,

uma vez que estes dois apoios integravam já o pacote de medidas de apoio divulgado a 14 de Janeiro, numa conferência de apoio conjunta com o ministro da Economia, Siza Vieira.

O apoio social de 438 euros destina-se a todos os profissionais que tenham a sua actividade principal no sector da cultura, mas a deputada comunista Ana Mesquita lembrou que os apoios de emergência lançados em 2020 deixaram muitos trabalhadores de fora, designadamente no domínio da arqueologia, sector que Graça Fonseca garantiu que estaria dez vezes incluído.

Como já esclarecera quando anunciou o programa, Graça Fonseca reiterou que o Garantir Cultura é um “apoio universal, não concursal e a fundo perdido”, mas precisou agora melhor a respectiva estratégia, explicando que os 30 milhões de fundos comunitários serão investidos nas micro, pequenas e médias empresas da cultura, dando prioridade às que oferecem actividades performativas com públicos, ao passo que os 12 milhões vindos do FFC pretendem chegar às entidades e profissionais singulares que desenvolvam trabalho artístico e cultural de natureza não comercial, incluindo muitas que teriam dificuldade em cumprir as regras de elegibilidade exigidas no quadro dos financiamentos comunitários.

A governante sublinhou também que este é um programa cumulativo com todos os outros apoios excepcionais ao sector, incluindo o programa Apoiar, coordenado pelo Ministério da Economia, que até este momento já aprovou 18 milhões de euros para o sector da cultura, dos quais 13,5 milhões, adiantou, já foram pagos.

Graça Fonseca prometeu também para breve a regulamentação da nova Rede de Teatro e Cineteatros, que deverá ser aprovada ainda este mês em conselho de Ministros, e a revisão do modelo de apoio às artes, duas medidas que “têm de funcionar em articulação uma com a outra”, defendeu, e que constituem, com a criação do estatuto do profissional da cultura, que tem vindo a ser preparado em diálogo com o sector, as propostas mais estruturantes lançadas pelo seu ministério.

No final da audição na comissão parlamentar de Cultura, a deputada centrista Ana Rita Bessa quis ainda saber se o Governo admitia o levantamento da proibição de venda de livros ao postigo ou nas grandes superfícies, argumentando que é contraditório defender que os livros são um bem essencial e depois “ter plásticos a cobri-los nos hipermercados”, mas Graça Fonseca não expressou qualquer opinião pessoal sobre o assunto e limitou-se a recordar que a decisão coube ao Governo.

Morreu Cecília Guimarães, 70 anos nos palcos e nos ecrãs

Obituário

Foi uma das atrizes pioneiras na televisão, fez cinema e pertenceu ao elenco da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

A actriz Cecília Guimarães morreu ontem, aos 93 anos, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, disse à agência Lusa fonte da Casa do Artista, onde residia.

Intérprete de dramaturgos como Tennessee Williams, William Shakespeare, Edward Albee, Valle-Inclán, Romeu Correia, Anton Tchekhov, Federico García Lorca e Eduardo De Filippo, Cecília Guimarães somou uma carreira de mais de 70 anos, que também passou pelo cinema e pela televisão.

Do trabalho constante no cinema, destacam-se filmes como *Francisca* e *O Princípio da Incerteza*, de Manoel de Oliveira, e, na televisão, desempenhos que iam do drama, como na adaptação de *Harpa de Ervas*, de Truman Capote, à comédia mais recente, como *Milionários à Força*, e à telenovela, como *A Única Mulher*.

Nascida em Lisboa, em 28 de Maio de 1927, Cecília Guimarães fez o curso do Conservatório Nacional e estreou-se, em 1951, com *A Qualquer Hora o Diabo Vem*, de Pedro Bom, no Grupo de Teatro Experimental - Teatro da Rua da Fé. Estreou-se dois anos depois, como actriz profissional, na Companhia Alves da Cunha, com a peça *Duas Causas*, de Ramada Curto.

No Teatro Experimental do Porto, dirigida por António Pedro,



A actriz residia na Casa do Artista

interpretou, na década de 1950, *O Crime da Aldeia Velha*, de Bernardo Santareno. Pertenceu depois ao elenco da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, residente no Teatro Nacional D. Maria II, com a qual somou 21 espectáculos, entre o início da década de 50 e 1974. Em 1962, integrou aí o elenco de *Oito Mulheres*, de Robert Thomas; e fez também, ao lado de Palmira Bastos, *As Árvores Morrem de Pé*, de Alejandro Casona.

A actriz trabalhou também, ainda na década de 1950, no Teatro d'Arte de Lisboa; fez 12 espectáculos com o Teatro Experimental de Cascais, entre 1970 e 1986; sete com a Companhia de Teatro de Almada – onde o seu desempenho em *Felicidade e Erva-Doce*, de Peter Schaeffer, em 1990, lhe valeu o Prémio Garrett –, e integrou elencos do Teatro da Cornucópia, da Companhia de Teatro de Braga e dos Artistas Unidos, onde interpretou personagens de *Terrorismo*, dos irmãos Presniakov (2004), e *A Paixão do Jardineiro*, de Jean-Pierre Sarrazac (2010).

Actriz em *O Primo Basílio*

Na década de 50, Cecília Guimarães foi trabalhar para o escritório da Fábrica de Condutores Eléctricos Diogo d'Ávila, tendo sido convidada por António Lopes Ribeiro para participar no filme *O Primo Basílio* (1959), com o qual foi distinguida com o prémio para Melhor Actriz, pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI).

No grande ecrã, participou ainda em filmes como *As Horas de Maria* (António de Macedo, 1979), *O Lugar do Morto* (António-Pedro Vasconcelos, 1984), *A Canção de Lisboa* (Pedro Varela, 2016) ou *Olga Drummond* (Diogo Infante, 2018), sendo este o seu último papel, ao lado de Eunice Muñoz, Ruy de Carvalho e Lurdes Norberto.

Cecília Guimarães foi uma das atrizes pioneiras na televisão, interpretando várias peças de teatro televisivo. Participou depois também em telenovelas, telefilmes e em várias séries, como *A Mala de Cartão* (1988), *A Morgadinha dos Canaviais* (1990), *Cluedo* (1995), *Filhos do Vento* (1997), *Casa da Saudade* (2000), *Estação da Minha Vida* (2001) e *Hotel Cinco Estrelas* (2013).

Em 1970, a actriz integrou a delegação portuguesa na Exposição Japonesa Universal e Internacional de Osaka. PÚBLICO e Lusa